

A importância do cargo de Administrador no serviço público.

Começo minha contribuição para este importante espaço disponibilizado ao servidor municipal, fazendo uma rápida retrospectiva de minha curta vida funcional na Prefeitura Municipal de Porto Alegre, que, mesmo sendo curta, me oportunizou vivenciar muitas experiências novas e que não imaginava que iria vivenciar. Dessa análise identifico uma observação que me é muito relevante nesse momento, a baixa ocorrência de administradores em postos de coordenação e direção e ainda a pouca valorização do cargo de administrador frente aos demais. Essa primeira impressão me remete a um texto que ousei transcrever integralmente abaixo e penso ser de extrema importância, especialmente por ter sido escrito há alguns anos e ainda hoje é atual, principalmente no que esta relacionado à valorização anteriormente externada:

A Era do Administrador

Por que os Estados Unidos são o país mais bem-sucedido do mundo? Porque são um país que resolveu o problema da miséria e da estagnação econômica, ao contrário do Brasil? O segredo americano, e que você jamais encontrará em nenhum livro de economia, é que os Estados Unidos são um país bem administrado, um país administrado por profissionais. Dezenove por cento dos graduados de universidades americanas são formados em administração. Administração é a profissão mais freqüente, e portanto a que dá o tom ao resto da nação. Infelizmente, o Brasil nunca foi bem administrado. Sempre fomos administrados por profissionais de outras áreas, desde nossas empresas até o governo. Até recentemente, tínhamos somente quatro cursos de pós-graduação em administração, um absurdo! De 1832 a 1964 a profissão mais freqüente no Brasil era a de advogado, e foi essa a profissão que exerceu a maior influência no país, tanto que nos deu a maioria de nossos presidentes até 1964. A revolução de 1964 acabou com a era do advogado e a legalidade, e tivemos a era do economista, que perdura até hoje.

Nos próximos dez anos isso lentamente mudará. O Brasil já tem 2.300 cursos de administração, contra 350 em 1994. Estamos logo depois dos Estados Unidos e da Índia. Administração já é hoje a profissão mais freqüente deste país, com 18% dos formandos. Antes, nossos gênios escolhiam medicina, direito e engenharia. Agora escolhem medicina, administração e direito, nessa ordem. Há dez anos tínhamos apenas 200.000 administradores, e só 5% das empresas contavam com um profissional para tocá-las. O resto era dirigido por “empresários” que aprendiam administração no tapa. Por isso, até hoje 50% das empresas brasileiras quebram nos dois primeiros anos e metade de nosso capital inicial vira pó.

O que o aumento da participação dos administradores na gestão das empresas significará para o Brasil? Uma nova era muito promissora. Finalmente seremos administrados por profissionais, e não por amadores. Daqui para frente, 75% das empresas não quebrarão nos primeiros quatro anos de vida, e nossos investimentos gerarão empregos, e não falências. Em 2010, teremos 2 milhões de administradores formados, e se cada um empregar vinte pessoas haverá 40 milhões de empregos novos. Será o fim da exclusão social. Administradores nunca foram ouvidos por políticos e deputados nem concorriam a cargos públicos. Em 2010, é muito provável que teremos nosso primeiro presidente da República formado em administração. Por incrível que pareça, nunca tivemos um executivo no Executivo. Muitos de nossos ministros e governantes aprendiam administração no próprio cargo, errando a um custo social imenso para a nação. Foi-se o tempo em que o mundo era simples e não havia necessidade de ter um curso de administração para ser um bom administrador. Em 2006, o candidato da oposição que demonstrar boa capacidade gerencial será um forte candidato à sucessão de Lula. João Paulo Cunha, do PT, já o

alertou de que, “se houver um bom administrador, ele conquistará o eleitorado da periferia”. Não quero exagerar a importância dos administradores, mas somente lembrar que eles são o elo que faltava. Ordem não gera progresso, estabilidade econômica não gera crescimento de forma espontânea, sempre há a necessidade de um catalisador. Não será uma transição fácil, pois as classes dominantes não aceitam dividir o poder que têm. Há muita gente interessada em manter essa bagunça e desorganização, como vivem denunciando Luiz Nassif, Arnaldo Jabor e José Simão. Gente que é contra supervisão, eficiência e organização. Administradores têm pouco espaço na imprensa para defender suas idéias e soluções. Em pleno século XXI, sou um dos raros administradores com uma coluna na grande imprensa brasileira, e mesmo assim mensal.

Peter Drucker há quarenta anos tem uma coluna semanal em dezenas de jornais americanos, ele e mais trinta gurus da administração. Administradores têm outra forma de encarar o mundo. Eles lutam para criar a riqueza que ainda não temos. Economistas e intelectuais lutam para distribuir a pouca riqueza que conseguimos criar, o que só tem gerado mais impostos e mais pobreza. Se esses 2 milhões de jovens administradores que vêm por aí ocuparem o espaço político que merecem, seremos finalmente um país bem administrado, com 500 anos de atraso. Desejo a todos coragem e boa sorte.

Stephen Kanitz é administrador por Harvard (www.kanitz.com.br)

Editora Abril, Revista Veja, edição 1886, ano 38, nº 1, 5 de janeiro de 2005, página 21

O artigo escrito em 2005 pelo colunista da revista Veja, **Stephen Kanitz**, expressa bastante do que se percebe ultimamente em termos de valorização equivocada de algumas profissões e no caso dos servidores municipais de alguns cargos e suas valorizações e remunerações.

A valoração de um cargo ou outro deve estar ligada à sua importância estratégica e à atividade que será desenvolvida no longo prazo, por isso a penso que a mobilização dos administradores municipais é fundamental, especialmente para que a sociedade possa perceber a sua importância para a organização e complementarmente para o atendimento à população. O administrador é quem está habilitado para exercer o controle e direção, especialmente dos bens de propriedade pública, por serem os que mais deveriam ter essas exigências de um profissional habilitado para sua gerência, assim como em outras áreas, o que não acontece atualmente e ajuda explicar muito da falência em que se encontram muitas das atividades públicas. O administrador, por seu conhecimento científico, diferencia-se de outros profissionais quanto à aplicação de suas habilidades sistemicamente, combinando recursos, sempre com um olhar adiante, interdisciplinar, interagente e dinâmico, cujos impactos extrapolam os domínios da organização, muito embora esta seja seu foco principal. Isso é definido como *holismo*, ou seja a riqueza advinda da organização racional do trabalho (associada às técnicas hodiernas), pode ainda gerar excedentes, cuja apropriação pela população estaria garantida pela maior produtividade, redução de desperdícios e, conseqüentemente, possíveis reduções de custos operacionais.

Um das principais atividades exercidas pela administração, de racionalização, implementada na cadeia de produção privada ou na complexa máquina pública poderia propiciar maior acesso ao consumo e melhoria da qualidade de vida, respectivamente, e isso é uma possibilidade possível, muito embora muitos concordem que o Brasil está longe de atingir níveis considerados bons, especialmente quando se fala em qualidade de serviços públicos e eficiência de maneira geral.

Cabe ao administrador funções mais amplas que as de organizar, planejar, dirigir e controlar as simultâneas necessidades da organização e de seus membros. Do administrador se

espera as posturas de negociador e interventor nas ações coletivas, devendo inclusive ser o protagonista de ações sociais. Afinal os sistemas são abertos. O processo político, incluindo o partidário, talvez seja o viés condicionante para que o próprio administrador, as empresas, as organizações públicas, por fim, a sociedade entenda que o papel desse profissional é indispensável para o crescimento do PIB, por exemplo, e, conseqüentemente, da melhoria das condições sócio-econômicas e ambientais de forma sustentada. A sustentabilidade também perpassa pela abordagem da empregabilidade – inclusive do administrador. Ou ainda, deve responder às indagações: Como o mercado percebe ou sente a necessidade dessa mão-de-obra? É dispensável? É indispensável? É substituível? Serão os administradores os próximos profissionais considerados de “segunda classe”, como equivocadamente alguns vêem outros profissionais que também não tem a sua valorização devida?

O administrador municipal deveria estar se mobilizando, sendo seu próprio agente político e de mudança, participando efetivamente das ações que lhe são afetas, avocando à sua responsabilidade as demandas de sua responsabilidade, ocupando assim seu espaço e não permitindo que o reconhecimento de sua importância seja segmentado e diminuído pela falta de ação.

Finalmente vejo a necessidade de constante aprimoramento dos serviços públicos, busca pela eficiência e primazia pela eficácia, modernização de processos e sistemas, aumento constante da demanda de atendimento público à população, que exige a cada dia novas ações, administração de serviços essenciais de uma cidade que é referência nacional em educação e politização e, por isso mesmo, muito mais crítica e exigente, dentre outras necessidades a curto e médio prazos; não vejo nenhum meio capaz de atender, mesmo que parcialmente, estas demandas que não seja através da valorização e qualificação do corpo funcional, corrigindo disfunções e anomalias, incentivando a criatividade e capacidade individual, respeitadas as diferenças e qualificações, com a colocação de cada servidor em sua atividade profissional para o qual está qualificado plenamente.